

Índice

1. Peter Entra em Cena	7
2. A Sombra	19
3. Venham, Venham Comigo!	33
4. A Travessia	53
5. A Ilha de Verdade	65
6. A Casinha	83
7. A Casa Subterrânea	97
8. A Lagoa das Sereias	107
9. O Pássaro Nunca	127
10. Um Lar Feliz	133
11. A História de Wendy	143
12. As Crianças São Raptadas	155
13. Acreditam em Fadas?	163
14. O Navio-Pirata	177
15. «Desta Vez, ou Eu ou o Gancho!»	189
16. O Regresso a Casa	207
17. Quando Wendy Cresceu	221



A sombra voltou a portar-se como de costume.

1. Peter Entra em Cena

Todas as crianças crescem, exceto uma. Rapidamente percebem que hão de crescer, e foi do seguinte modo que Wendy percebeu: um dia, a brincar no jardim, quando tinha dois anos, colheu mais uma flor e correu com ela para junto da mãe. Imagino que devia estar linda de se ver, porque a Sra. Darling levou a mão ao peito e exclamou: «Oh, porque é que não podes ficar assim para sempre?!» Nada mais disseram uma à outra sobre o assunto, mas daí em diante Wendy soube que teria de crescer. A partir dos dois anos sabe-se sempre. Os dois anos são o princípio do fim.

Viviam no n.º 14, claro está, e até à chegada de Wendy a pessoa mais importante era a mãe. Era uma senhora linda, com a sua alma romântica e a sua boca delicada e zombeteira. A alma romântica era como essas caixinhas minúsculas, metidas umas dentro das outras, que vêm do Oriente misterioso: por muitas que encontremos, há sempre mais uma a descobrir; e a boca delicada e zombeteira tinha guardado um beijo que Wendy nunca conseguia apanhar, embora estivesse lá, bem visível, na comissura do lado direito.

Foi assim que o Sr. Darling a conquistou: os muitos cavaleiros que haviam sido rapazes quando ela era menina descobriram todos ao mesmo tempo que a amavam, e correram todos a casa dela para se declararem, exceto o Sr. Darling, que apanhou um fiacre e chegou primeiro, e por isso ficou com ela. Ficou com toda a sua pessoa exceto a última caixinha e o beijo. Nunca soube da existência da caixa, e com o tempo desistiu de tentar apanhar o beijo. Wendy achava que Napoleão teria sido capaz de o apanhar, mas pela minha parte imaginou-a a fazer uma tentativa e a sair da sala num acesso de fúria, batendo com a porta.

O Sr. Darling costumava gabar-se a Wendy de que a mãe não só o amava como lhe tinha um grande respeito. Era um desses homens argutos que percebem de ações e obrigações. É claro que na realidade ninguém percebe, mas ele parecia perceber bastante, e o modo como dizia que as ações estavam em alta e as obrigações em baixa conquistaria o respeito de qualquer mulher.

A Sra. Darling casou de branco, e a princípio mantinha os livros de contas em perfeita ordem, quase alegremente, como se de um jogo se tratasse, sem esquecer a menor couve-de-bruxelas; mas a pouco e pouco começaram a ficar de fora couves-flores inteirinhas, e em lugar delas apareceram imagens de bebês sem cara. Ela desenhava-os quando deveria estar a fazer contas. Eram as conjecturas da Sra. Darling.

Primeiro veio Wendy, depois John, depois Michael.

Quando Wendy veio, durante uma semana ou duas não tiveram a certeza de poderem ficar com ela, já que se tratava de mais uma boca para alimentar. O Sr. Darling tinha imenso orgulho na filha, mas era um homem honesto, e sentava-se na beira da cama da Sra. Darling, segurando a sua mão e calcu-

lando despesas, enquanto ela o fitava com olhos suplicantes. Ela queria arriscar, desse lá por onde desse, mas não era assim que ele resolvia os problemas; resolvia-os com papel e lápis, e quando ela o atrapalhava com sugestões via-se obrigado a voltar ao princípio.

— Agora não me interrompa — pedia ele. — Tenho aqui uma libra e dezassete xelins, mais duas e seis xelins no escritório*; posso passar sem o meu café no escritório, digamos mais dez xelins, o que daria duas libras, nove xelins e seis dinheiros; com os teus dezoito xelins e três dinheiros faz três libras, nove xelins e sete dinheiros, mais cinco libras certas no meu livro de cheques oito libras, nove xelins e sete dinheiros... quem é que se está aí a mexer?... oito, nove e sete, e vão sete... não diga nada, minha querida... mais a libra que emprestou àquele homem que veio bater à porta... está sossegada, menina... e vai menina... pronto, já me perdi!... o que foi que eu disse, nove libras, nove xelins e sete dinheiros? É isso mesmo, nove, nove e sete; ora o que eu pergunto é: poderemos tentar durante um ano com nove libras, nove xelins e sete dinheiros?

— Claro que podemos, George — exclamou a Sra. Darling. Mas ela defendia Wendy com parcialidade, e afinal era ele quem mais peso tinha no casal.

— Não se esqueça da papeira — avisou-a o Sr. Darling em tom quase ameaçador, lançando-se numa nova tirada. — Papeira, uma libra, foi o que eu assentei, mas acho que é capaz de ir aos trinta xelins... não diga nada... sarampo uma libra e cinco guinéus**, rubéola meio guinéu, soma duas libras, quinze xelins e seis dinheiros... escusa de fazer que não com

* Antigamente, a libra inglesa equivalia a vinte xelins, e o xelim a doze dinheiros. (N. T.)

** Antiga moeda inglesa, que valia vinte e um xelins. (N. T.)

o dedo... tosse convulsa, digamos quinze xelins — e por aí fora, com um resultado diferente de cada vez que a conta era repetida; mas Wendy conseguiu finalmente escapar, embora à justa, com a papeira reduzida a doze xelins e seis dinheiros, e o sarampo e a rubéola reunidos numa única rubrica.

John provocou idêntico alvoroço, e Michael só por um triz se salvou; mas ambos acabaram por ficar, e em breve os três passaram a frequentar o jardim-escola da Menina Fulsom, para onde se dirigiam em fila, acompanhados pela ama.

A Sra. Darling sentia-se feliz com este estado de coisas, e o Sr. Darling tinha a paixão de ser exatamente como os vizinhos; por isso, naturalmente, contrataram uma ama. Como eram pobres, dada a quantidade de leite que as crianças bebiam, essa ama era uma nobre cadela terra-nova chamada Nana, que não pertencia a ninguém em particular até entrar ao serviço dos Darlings. Sempre dera, no entanto, a maior importância às crianças; os Darlings tinham-na encontrado nos jardins de Kensington, onde ela passava a maior parte do seu tempo livre a espreitar para dentro dos carrinhos de bebê, e onde era detestada pelas criadas de meninos mais desatentas, pois seguia-as até casa e fazia queixa delas às patroas. Como ama das crianças, veio a revelar-se uma verdadeira preciosidade. Era escrupulosa como poucas a tratar dos banhos e levantava-se a qualquer hora da noite ao menor queixume de um dos meninos a seu cargo. A sua casota ficava, naturalmente, no quarto das crianças. Nana tinha o génio de perceber quais as tosse a que não deve dar-se importância e quais as que requerem um agasalho para a garganta. Acreditava convictamente nos remédios antigos como a folha de ruibarbo, e fungava desdenhosamente quando ouvia as modernas considerações sobre micróbios e outras coisas que tais. Era uma autêntica lição de aprumo vê-la

acompanhar as crianças à escola, caminhando tranquilamente ao pé delas quando se portavam bem, e pondo-as na ordem à força de cabeçadas quando se afastavam. Nos dias em que John tinha futebol, nunca se esquecia da camisola, e costumava levar um guarda-chuva na boca para o caso de chover. Na escola da Menina Fulsom há uma sala onde as amas ficam à espera. Todas se sentavam em bancos corridos, enquanto Nana se deitava no chão, mas era essa a única diferença. As outras fingiam ignorá-la, como se ignora alguém de condição inferior, e ela, em contrapartida, desprezava as suas conversas fúteis. Não gostava que as amigas da Sra. Darling visitassem o quarto das crianças, mas quando o faziam apressava-se a tirar o bibe a Michael, vestindo-lhe o de debruns azuis, a alisar o vestido de Wendy e a dar um jeito ao cabelo de John.

Seria impossível ter um quarto de crianças mais bem governado, e o Sr. Darling bem o sabia, embora por vezes perguntasse nervosamente a si próprio se a situação não daria que falar aos vizinhos.

Não podia esquecer, de facto, a sua posição no mundo dos negócios.

Também havia outro aspeto em que Nana o incomodava. Tinha por vezes a sensação de que ela não tinha por ele qualquer admiração.

— Eu sei que ela te admira imenso, George — garantia-lhe a Sra. Darling, e fazia sinal às crianças para que se mostrassem especialmente amáveis com o pai. Seguiam-se lindas danças, em que a única outra criada, Liza, era às vezes autorizada a participar. Parecia uma autêntica anã, com a sua saia comprida e a sua touca de criada, embora tivesse jurado, ao ser contratada, que já não era nenhuma criança. Que alegres tropelias! E a mais alegre de todos era a Sra. Darling, rodopiando em pirue-

tas tão loucas que dela se não via mais do que o beijo — quem numa dessas ocasiões lhe saltasse ao pescoço talvez conseguisse apanhá-lo. Não havia família mais simples nem mais feliz até à chegada de Peter Pan.

A Sra. Darling ouviu pela primeira vez falar de Peter quando estava a pôr em ordem os pensamentos dos filhos. Todas as boas mães costumam, à noite, depois de os filhos adormecerem, passar em revista os seus pensamentos e arrumar as coisas para a manhã seguinte, voltando a pôr no sítio os muitos artigos que durante o dia foram sendo desarrumados. Se conseguíssemos ficar acordados (mas é claro que não conseguimos) poderíamos ver a nossa mãe a fazer isto, e observá-la-íamos com o maior interesse. É tal e qual como arrumar gavetas. Vê-la-íamos de joelhos, imagino, examinando com ar divertido esta ou aquela parte do nosso conteúdo, tentando adivinhar onde teríamos ido buscar isto ou aquilo, fazendo descobertas enternecedoras ou nem por isso, levando certas coisas à cara como se fossem gatinhos macios e escondendo outras o mais depressa possível. Quando acordamos de manhã, a maldade e as paixões ruins com que nos fomos deitar estão muito bem dobradas e arrumadas no fundo do nosso espírito; e por cima de tudo, frescos e arejados, os nossos pensamentos mais bonitos, prontos a serem usados.

Não sei se alguma vez viram um mapa do pensamento de alguém. Os médicos desenham às vezes mapas de outras partes da nossa pessoa, e o nosso próprio mapa pode até ser extremamente interessante, mas a verdade é que nunca os vemos tentar traçar o mapa do pensamento de uma criança, que não só é confuso como está constantemente a rodopiar. Há nele linhas em ziguezague, tal e qual como a nossa temperatura num gráfico, e que são provavelmente as estradas da ilha; por-

que a Terra do Nunca é sempre pouco mais ou menos uma ilha, com assombrosas manchas de cor aqui e ali, com recifes de coral e navios-piratas ao largo, com selvagens e covis secretos, e gnomos que são quase sempre alfaiates; com grutas por onde passa um rio, príncipes que têm seis irmãos mais velhos, uma cabana quase a cair e uma velhinha muito pequenina, de nariz adunco. O mapa seria fácil de fazer se só houvesse isto; mas há também o primeiro dia de aulas, religião, o pai, o lago redondo, bordados, homicídios, enforcamentos, verbos que pedem dativo, dia de pudim de chocolate, pôr aparelho nos dentes, dizer trinta e três, a moeda que nos dão por arrancarmos o dente sozinhos, e muitas outras coisas; coisas que ou fazem parte da ilha ou de outro mapa visível além dela, e tudo isto se torna bastante confuso, principalmente porque nada pára quieto.

É claro que as Terras do Nunca são bastante variadas. A de John, por exemplo, tinha uma lagoa sobrevoada por flamingos que John visava com a sua espingarda, enquanto a de Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo sobrevoado por lagoas. John vivia na praia, num barco voltado de casco para o ar, Michael numa tenda de índio, Wendy numa casa de folhas habilmente cosidas umas às outras. John não tinha amigos, Michael tinha amigos à noite, Wendy tinha um lobo de estimação abandonado pelos pais; mas, no conjunto, as Terras do Nunca têm um certo ar de família em comum, e se pudéssemos pô-las em fila, muito quietas, diríamos que têm todas o mesmo nariz, e outras coisas que tais. A estas praias mágicas, nunca param de chegar barcos com crianças prontas para brincar. Também nós lá estivemos; ainda conseguimos ouvir o som da rebentação, embora já não possamos desembarcar.